

Da historia.

Quando tentamos penetrar o mundo dos pensadores relativamente tao recentes como o mundo dos filósofos e os poetas do século 18, (para calar de pensadores mais distantes no tempo), raras vezes nos damos conta da fantástica diferença de dimensões entre aquele mundo e o nosso. O mundo de um Kant, um Hegel, um Goethe é tao reduzido em espaço e em tempo, se comparado com o nosso, que essa diferença quantitativa invade todos os seus aspectos, torna-se qualitativa, e isto de maneira tao inconsciente, que necessitamos de um violento esforço mental para torná-la patente. Tudo que esses pensadores nos dizem tem por sistema de referencio esse mundo em miniatura, e pode ser compreendido realmente, isto é historicamente, sómente em função desse mundo em miniatura. Isto é verdade até com problemas que aparentemente nada tem a ver com as dimensões do mundo. A monadologia de Leibnitz, a epistemologia de ~~Kant~~ Kant, as teorias estéticas de Schiller nao se referem menos a esse mundo reduzido que a filosofia da história de Hegel ou de Fichte. Se aplicamos essas ideias ao mundo expandido dos nossos dias, se as projetamos sobre o nosso sistema de referencias, elas sofrem uma distorção grotesca como a Grenlandia nos mapas de projeção Mercator. Uma conversação nossa com os pensadores do passado é portanto, a priori, viciada por uma fonte de malentendidos básica, pela diferença dos sistemas de referencia subentendidos. Em consequencia, existem duas formas possíveis de conversação com os antigos: uma é a nossa voluntária submissao ao sistema de referencia do passado, a outra é a tentativa de tradução das vozes do passado para a linguagem de hoje. Ambas são difficilimas, porque exigem de nós o quase impossível: a saber o conhecimento consciente do nosso sistema de referencia e a força de vontade e de imaginação de abandoná-lo. A primeira forma de conversação, isto é a nossa volta ao passado, resultará em conhecimentos meramente documentários, terá interesse meramente arquivista. A segunda forma de conversação, isto é o transporte dos nossos maiores para cá, para o hic et nunc, resultará em conhecimentos pragmaticamente valiosos. Essa forma de conversação, esse transporte, essa tradução, é, na opiniao de Dilthey, o verdadeiro e único papel da filosofia. Isto porque o hic et nunc, portanto o conjunto do atual e atuante, em outras palavras o conjunto da realidade, (atuante = Wirklichkeit), nao passa, no fundo, do conjunto de fenomenos historicos assim transportados, transportados, traduzidos. Trata-se, como estão vendo, de um conceito muito sutil e refinado tanto da historia como da realidade, e confesso que nao consigo penetra-lo em toda a sua riqueza e profundidade. Tenho e impressao que Dilthey abriu uma nova perspectiva sobre os problemas da filosofia em geral, e que plantou os sementes de um novo método de filosofar, e que essa perspectiva ainda nao foi explorada, nem foi dada a oportunidade e essa semente de germinar, e que portanto Dilthey ainda pertence ao futuro. Ele representa, ao meu ver, um desafio à nova geração, desafio esse que agora lhes lanço. Serei muito economico, hoje, na minha tentativa de expor os resultados das especulações diltheyanas, porque as considero de importancia secundaria, se comparados com a mentalidade da qual eles brotam. Voces se lembraram que, quando falei em Husserl, disse a mesma coisa. Esses dois pensadores do século passado são, conforme creio, precursores ainda incompreendidos e que se acham na situação de um Kierkegaard há 50 anos. Pretendo portanto dedicar a maior parte desta noite à tentativa de iluminar os problemas que deram origem a essa mentalidade nova. Eu falei da fantástica diferença de dimensões entre o nosso mundo e o mundo dos pensadores do século 18. Falemos sómente de uma dessas dimensões, a saber do tempo. Tentem imaginar o que quer dizer viver num mundo que começou há aproximadamente duzentas gerações, um mundo portanto, dentro do qual a árvore geneológica de cada um de nós é, pelo menos em teoria, perfeitamente conhecível. Trata-se de um mundo em família, somos todos realmente, senao irmaos, pelo menos primos. O mundo inteiro nao passa de uma mansao, um tanto ampla, é verdade, mas perfeitamente adequada em tamanho, a ser habitada pela familia humana. Essa mansao foi construída pelo pai de familia com a finalidade evidente de ser habitada, mobiliada, equipada de conveniencias e melhoramentos, pelos seus filhos. É nesse mundo-mansao que viveram os homens do século 18, e tudo que dizem e fazem se refere a ele. Os seus esforços politicos são esforços de 1.º ordem em casa, parar com as brigas na familia, e colocar à disposição de cada subfamilia, chamada nação ou classe (état général, como diriam eles), o seu respectivo quarto, copa e cosinho. Os seus esforços economicos e técnicos são esforços para manter a mansao em bom funcionamento e equipá-la de luz elétrica e aquecimento. Os seus esforços científicos são esforços de descobrir o plano de construção da mansao e as regras às quais a construção obedeceu. Os seus esforços estéticos são comparáveis aos de um arquiteto que quer harmonizar a mobilia com o estilo da casa. A sua ética é a tentativa de descobrir os regulamentos internos da pensao cósmica que habitam. A sua epistemologia é a tentativa de fundamentar racionalmente a sua posição den

Da historia.

tro do edificio cosmico e em face dos demais habitantes. A sua metafisica é a tentativa de olhar pela janela afora e entrar em contato com aquelas forças benéficas e diabólicas que rondam o terreno. A sua teologia é o esforço de trazer conhecimento com o pai da familia e construtor da mansão, de ama-lo, e, desta maneira, adquirir uma relação autentica com os demais habitantes da casa, filhos do mesmo pai, e, portanto, vizinhos de quarto. É a partir desse mundo "cosy" e em miniatura que nos falam Kant e Hegel.

Tentem agora imaginar a nossa dimensão do tempo. Já que é nossa unidade de medição é por força a mesma de sempre, isto é a vida humana, não faz a mínima diferença se a duração do mundo for fixada pela nossa ciencia em um milhão ou um trilhão de gerações, será igualmente desumana. Ela ultrapassa de longe não tanto a nossa capacidade de compreensão, como nossa capacidade de vivencia e de simpatia. Dada a limitação de vivencia e de simpatia nada temos em comum com os nossos antepassados tao recentes como o são os seres há cem mil gerações atrás, para cobrir os nossos antepassados mais longínquos com o manto do silencio indiferente. O mundo, em sua antiquidade desumana, não nos é adequado. Muito pelo contrário, ele tem dimensões absurdas e a nossa situação nele é absurda. Já que fomos jogados para dentro dele, não podemos ser indiferentes em face dele, ele nos oprime e nos é inimigo. Um construtor de um mundo assim, (se é que existe), não pode ser um pai num sentido familiar, não se parece conosco, é totalmente diferente. Esse mundo, dentro do qual vivemos há cento e cinquenta anos e que nos revele novas faces sempre mais absurdas e portanto horríveis, nos força a nos recolhemos sobre nos mesmos, a procurarmos refugio num cantinho para não sermos esmagados, em breve, nos força ao existencialismo. Tudo o que nos dizem os pensadores do século 18 sobre a ordem no mundo, sobre o progresso da humanidade dentro dele, sobre a fraternidade dos homens, sobre o sentido da vida humana, não passa de chavão, de "catchword" ridiculamente inadequado à situação na qual nos encontramos. A própria figura do Cristo, que, para os pensadores passados, representava uma cesura na corrente das gerações, dividindo a historia da humanidade, e portanto do mundo, no meio, marcando o centro dos acontecimentos entre o começo e o fim do mundo, não passa, para nós, de um patético acontecimento recentissimo, o qual, pela sua mera posição dentro da corrente do tempo, perde a sua significação central salvadora e deixa de ser a alegria dos homens. Dilthey foi o primeiro a ver claramente essa relatividade histórica de todas as verdades, de compreender a sua horrorisidade, e de se insurgir contra ela. Ele creu que há um método de atualizar Kant e Hegel, o Cristo e, creio eu, a améba, tornar todo o passado atual e atuante, e desta forma dar um sentido à vida humana. O que equivale dizer atualizar e tornar atuante (wirklich machen und verwirklichen) o divino. Esse método é a tradução para o hic et nunc, é a reinterpretación sistemática do passado em termos do presente. Essa reinterpretación é aquilo que Dilthey chama de "Geisteswissenschaft", a ciencia do espirito, a única que investiga a realidade. Sob a luz dessa investigação Kant, por exemplo, readquire um significado. Lido tal como foi escrito, aceito ad litteram, ele não passa de um amontoado de frases de interesse antiquario, sem significado. Reinterpretado e atualizado, ele se torna atuante e participa da nossa conversação de forma significativa.

É difícil precisar em que reside esse método e isto é, conforme creio, um grave defeito. Mas penso com os meus botões que ele deve ser aplicado em conjunto com o método fenomenológico para trazer resultados. Confesso que durante as quartas feiras do ano passado me esforcei por aplica-lo e era por isto que preferi tratar de conceitos ao emvez de pensadores. Quando, por exemplo, falei em hybris tentei atualiza-la para torna-la atuante. Poderão Vocês julgar a eficiência do método, embora limitada pelos meus recursos restritos, pelos resultados por mim alcançados.

Tentarei agora de lhes dar alguns dos resultados que Dilthey diz ter conseguido pelo método acima esboçado. Diz ele que existem tres tipos de revelação autentica da natureza humana na historia do Ocidente, soa, por assim dizer, as tres constantes da historia do Ocidente. A saber: materialismo = positivismo, idealismo objetivo, e idealismo da liberdade. Nenhum, destes tres tipos, sozinho, representa a totalidade do espirito, mas cada um revela um lado autentico do espirito humano. Tomadas em conjunto, isto é sob investigação histórica, revelam a totalidade do espirito, portanto é o estudo da historia a única verdadeira psicologia. Conseguimos integrar, dentro do nosso espirito, esses tres tipos, graças ao estudo "compreensivo" (verstehend) da historia, e, integrando-os, os superamos. Sómente assim integrados alcançam seu verdadeiro significado, hic et nunc, tornam-se atuantes, (wirklich), e dão um sentido a nos-

sa vida. Comprendemos que toda a historia somente tem uma meta, um único sentido, a saber integrar-se dentro do nosso espirito hic et nunc, para atualizar-se. Somente dentro do nosso espirito, assim integrada, a historia tem significado. Em si, objetivamente, tomada como extra-espiritual, a historia nao tem significado. Falando sensu stricto, fora do meu espirito a historia, portanto o mundo, nao é real, (wirklich), já que nao atua. Por outro lado o meu espirito nao passa de uma história integrada e portanto superada. Fora da historia o meu espirito nao tem realidade. A imagem que, creio, Dilthey tinha em mente é aproximadamente a seguinte: A historia é uma infinidade de fios, dentro da qual se distinguem os tres fios mestres que acabo de mencionar, que convergem todos para o meu espirito para realizar-se. O meu espirito nao é algo objetivo, e sim o ponto que surge quando esses fios se encontram. Quando este ponto é alcançado, portanto o hic et nunc, surge o Eu e a realidade. Eu sou portanto resultado da historia e também a sua completação, a sua meta alcançada. O estudo da historia é portanto, visto como investigação dos fios, o conjunto é a superação das ciencias naturais, e visto como investigação do ponto de convergência, é a psicologia perfeita e superada. Natureza é historia em statu nascendi, espirito é historia superada e atualizada, e o estudo da historia é o conjunto do estudo da natureza e do espirito em sua forma atuante, é a verdadeira filosofia.

Se é que entendi bem o pensamento de Dilthey, e se o desenhei um pouco fielmente, surge como que automaticamente a sua epistemologia. Trata-se de uma epistemologia empirica, para nao dizer pragmatica, que está em conflito violento com a empirica das ciencias naturais, e a combate. As ciencias naturais com seu método indutivo nao revelam senao as sombras da realidade, os residuos da historia, revelam, em outras palavras, justamente aquilo que nao é historico, os fenomenos repetitivos. Revelam, como diria Bergson, a irreabilidade da geometria. O método empirico diltheyano, o método das chamadas "ciencias do espirito", revelam um conhecimento autentico da realidade, porque revela a vivencia da historia, intuitivamente, comondiria Bergson. Esse método, nao é, entretanto, o único legítimo epistemologicamente. Há, ainda, o método da arte intuitiva e da intuição religiosa, que, eles também, revelam a realidade como historia atualizada e atuante. Automaticamente surge também a sua ontologia. Trata-se de uma especie curiosa de idealismo, dentro do qual a história tem o papel da vontade schopenhaueriana. O conceito diltheyano ~~xxx fixx~~ da historia nao fica tao distante da vontade schopenhaueriana como pode parecer à primeira vista, já que o proprio Dilthey identifica repetidas vezes historia com vida. Surge ainda automaticamente a sua ética e seu conceito de liberdade. Os valores sao relativos a situação atual e atuante da cultura e da civilização na qual me encontro, nao existe uma escala de valores objetiva. A liberdade consiste na minha possibilidade de sintetisar a historia cujo resultado sou e dar-lhe o meu cunho. Como Vocês estão vendo, nao creio que as conclusões às quais Dilthey chega sejam realmente originais ou importantes. Ele é um entre os demais filosofos da vida, portanto estou de propósito minimalizando o seu sistema. Repito que sua importancia está em sua mentalidade e no método por ele proposto.

Veja agora que foi um erro ter tratado de Bergson antes de Dilthey. Creio que somente agora podem Vocês avaliar o conceito bergsoniano de duração, de razão e de intuição, resultados que sao de Dilthey. Creio, entretanto, que Bergson nao compreendeu Dilthey e que nao soube aproveitar o método diltheyano. Tao pouco souberam Spengler e Toynbee avaliar a força inerente nesse novo conceito da historia e da historicidade. Existe entretanto um pensador, o genro de Dilthey, Miscel que, para mim, revelou a enorme riqueza do mundo diltheyano em seu livro: As origens da filosofia. Nao se trata, como talvez possa lhes parecer, de uma simples tentativa de superar os sistemas filosoficas do passado, sintetizando-os eclecticamente. Trata-se de reinterpretar os sistemas do passado dentro de uma Weltanschauung atualizada e atuante. A palavra "Weltanschauung" é uma invenção do romanticismo, mas foi Dilthey que, pela primeira vez, lhe deu significado epistemologico. O que Dilthey nos oferece, nao é tanto um sistema filosofico, mas uma Weltanschauung. É uma Weltanschauung tipicamente ocidental, e tipicamente do começo do nosso século, uma Weltanschauung situada dentro da historicidade. O materialismo, o idealismo objetivo e o idealismo da liberdade nela se acham integrados, mas se tornam por assim dizer transparentes, porque revelam a sua validade historica, isto é pragmatica. Sao filosofias pragmaticamente válidas, cada uma por si, e cada uma por sua vez, falando historicamente, cada uma delas se acha atualmente superada, mas de tal forma, que, todas elas tomadas em conjunto, representam a verdade pragmatica da atualidade. Os representantes típicos do materialismo sao, para Dilthey, Demócrito e Comte, do idealismo objetivo Heráclito.

to, Leibniz e Hegel, do idealismo da liberdade Platao, os cristaos e Kant. Cada um deles representam uma Weltanschauung ultrapassada. Tomados em conjunto, reinterpretaos dentro de meu espirito hic et nunc, representam a minha Weltanschauung. Automaticamente, essa minha Weltanschauung, por fixar a minha situacao historica, e valida, e verdadeira.

Se compararmos esse conceito da historia como uma convergencia de todas as tendencias sobre um ponto, a saber sobre o hic et nunc, com o conceito objetivista digamos classico, de um Hegel e Marx, verificamos que a historia em Dilthey se torna vivencia, torna-se identica com a minha existencia pura e simplesmente. Eu sou um produto da historia, e estou jogado dentro dela, ela me circunda. Histariam Quaeris? Circumspice. Em Hegel e Marx a historia consiste de uma serie de "acontecimentos historicos" perdidos, dos quais se conservou somente a ultima sintese dentro da qual me encontro. (Para nao falar da simplificacao dos processos historicos que estes dois pensadores estipulam). Em Dilthey toda a historia esta presente em mim, em toa a sua tremenda riqueza. Posso dizer que em mim, e somente em mim, os antigos gregos, e os Cro-Magnon, e a ameba primordial, e o primeiro atomo de hidrogenio, se tornam atuais e atuantes. Diante essa dramaticidade da historia como vivencia diaria Hegel e Marx empalidecem. Falando marxisticamente, eu sou a ultima sintese da historia, eu sou resultado de todas as inumeras teses, antiteses e meias-teses, se me permitem essa palavra. Enfim, eu sou aquilo que Marx chamaria de sociedade perfeita. Como Vocês vem, chego a um individualismo extremado, diametralmente oposto ao marxismo.

E o futuro? Ai esta uma pergunta que, falando, pragmaticamente, representa um tipico barulho. Ou, falando existencialmente, o futuro alem do eu e, tal qual a morte, um Unding, nao e coisa, nao pode ser "ueberholt" alcançado, e portanto nao existe. Ressurge, em estado embrional, o nada. Posso dizer empiricamente, pela empiria das ciencias naturais, que eu tambem contribuo para a corrente da historia, mas essa minha afirmacao sera meramente aparente. Trata-se de uma empiria falsa, ja que nao ha metodo meu de verificar o que acontecerá depois do eu. Como se ve, Dilthey e pragmativamente mais radical que James ou Dewey.

A mentalidade diltheyana e uma mentalidade civilizada, tao tolerante quanto a de James, sabem que anticientifica radicalmente. Entretanto, e uma mentalidade de soberba tremenda. O superhomem de Nietzsche e substituido por uma super-eu, e Deus esta mais morto de que nunca. Este fato nao e diminuido pelo reconhecimento da intuicao religiosa como fonte autentica de conhecimento. Muito pelo contrario, a religiao se transforma, ela tambem, em instrumento. E principalmente por causa disto que chama a Weltanschauung de Dilthey de tipica do começo do século vinte. Dilthey e religioso abusando da religiosidade.

Deixo para a discussao que sejam reveladas as fontes e os efeitos de Dilthey. Repito, entretanto, que creio que a sua importancia esta no futuro, (para falar anti-diltheyanamente), e peço que este aspecto seja tomado em consideracao nos comentarios serem feitos.